

A produção e a comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos no município de Canguçu, estado do Rio Grande do Sul, Brasil: a perspectiva dos produtores.¹

Éder Jardel da Silva Dutra
Bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado,
FURG
Jussara Mantelli
Professora do Programa de Pós-Graduação em
Geografia FURG

Resumo:

O presente artigo destaca a produção e a comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos, no município de Canguçu, focando a perspectiva dos produtores, que vendem sua produção nas feiras da União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (Unaic) e Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (Arpa Sul). Os produtores passam a propor um modelo de produção, em que o respeito aos tempos e elementos da natureza são fundamentais. Os referidos produtores comercializam alimentos em feiras públicas, com periodicidade semanal, e ainda fornecem produtos para a merenda escolar, dentro do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A produção e a comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos é uma oportunidade que as famílias têm de permanecerem no campo gerando renda. Também é a possibilidade de mostrar a viabilidade da produção isenta de agroquímicos, com satisfatórios índices de produtividade e reconhecimento pelos consumidores.

Palavras-chave: Canguçu, alimentos, produção orgânica, agroecologia

Abstract:

This article highlights the production and commercialization of organic and agroecological food in the county of Canguçu, focusing on the perspective of the producers, who sell their production at the União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (Unaic) and Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (Arpa Sul) fairs. The producers begin to propose a model of production, in which the respect for times and elements of nature are fundamental. These producers commercialize food at public fairs, on a weekly basis, and even provide products for school meals under the Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). The production and commercialization of organic and agroecological foods is an opportunity for families to remain in the countryside, generating income. It is also the possibility of showing the feasibility of agrochemical-free production, with satisfactory levels of productivity and consumer recognition.

Keywords: Canguçu, foods, organic production, agroecology.

¹Pesquisa desenvolvida e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD).

dutraeder1981@gmail.com
jussaramantelli@furg.br

Introdução

O presente artigo mostra as particularidades da produção e comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos no município de Canguçu, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A ênfase é basicamente pela perspectiva dos produtores, nos últimos 10 anos, período em que ocorre a inauguração das feiras públicas, onde são comercializados diferentes produtos oriundos das unidades familiares de produção. Esses produtores tem sido pioneiros em implantar uma nova racionalidade produtiva, obedecendo aos tempos da natureza e suas potencialidades. Estes rompem o paradigma dominante, baseado na agricultura dita moderna e implantam a mentalidade de resgate da agricultura tradicional e respeito aos tempos da natureza.

Os produtores passam a trabalhar baseados nos preceitos da agricultura orgânica e agroecológica, produzindo alimentos de qualidade com constantes incrementos em área e produtividade. Ao realizarmos as entrevistas, com os produtores, em suas unidades produtivas, observamos a aplicação de um modelo produtivo, que é ímpar, em uma realidade como a do município de Canguçu, onde há predominância dos cultivos de tabaco e soja, em especial. Ao utilizarem os preceitos da agroecologia, estão retomando a agricultura praticada na realidade local, nas primeiras décadas do século passado, em que havia rotação de culturas, aproveitamento de insumos produzidos localmente (palhadas, esterco de animais domésticos, conservação dos solos e práticas defensivas como a colocação de espantalhos para afugentar as aves) em plantações como: milho, ervilha, entre outras variedades agrícolas. A retomada da agricultura orgânica/agroecológica é importante na realidade local e levada adiante pelos agricultores, a partir da instrumentalização pelas entidades associativas, cooperativas e de assistência técnica.

Assis e Romeiro (2002, p. 68), quando se referem à agroecologia destacam que esta: “[...] é uma ciência desenvolvida a partir da década de 70, como consequência da busca de suporte teórico para as diferentes correntes de agricultura alternativa que já vinham se desenvolvendo desde a década de 1920.” Neste sentido, Campanhola e Valarini (2001, p. 70 - 71) explicam as diferenças entre agricultura orgânica e agroecológica:

A agricultura orgânica faz parte do conceito abrangente de agricultura alternativa, o qual envolve também outras correntes, tais como: agricultura natural, agricultura biodinâmica, agricultura biológica, agricultura ecológica e permacultura. A agricultura ecológica ou agroecologia vai além das outras correntes, [...] a agroecologia enfoca as relações ecológicas no campo e o seu objetivo é entender a forma, a dinâmica e a função das relações existentes no meio biótico, no meio abiótico, e entre eles. Além disso, considera a interação com o homem, cujas ações estão pautadas na sua cultura, hábitos e tradições.

Tendo em vista o objeto de estudo, procurou-se acompanhar a produção “in loco”, visitando as propriedades produtoras, bem como acompanhando a comercialização nas duas feiras públicas no município de Canguçu. O interesse pela temática tem objetiva compreender à dinâmica que envolve a produção e a comercialização de alimentos orgânicos / agroecológicos pelos produtores reunidos na União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (Unaic)

e Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (Arpa Sul). Cicconeto e Verdum (2012, p. 102), destacam:

Segundo o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) o início dos trabalhos com agricultura ecológica na Região Sul datam de 1978, quando da fundação da ONG, nos municípios de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul.

Os dados obtidos pelos pesquisadores evidenciam que a Unaic possui fundação no ano de 1988, a partir do apoio e organização gestada pelo CAPA e da Comissão Pastoral da Terra (CPT). A Arpa Sul, por sua vez, foi fundada em 1996, integrando produtores dos municípios de Pelotas, Canguçu, São Lourenço do Sul e Morro Redondo. Já, a realização das feiras públicas é recente. A Arpa Sul em Canguçu completou sete anos e a feira da Unaic, dois anos. Esses agricultores são inovadores na produção de alimentos, bem como no rompimento com uma realidade marcada pela especialização produtiva e aplicação de agroquímicos, em culturas agrícolas como fumo e soja, basicamente. Ao terem uma concepção diferenciada de agricultura, buscaram o respeito ao meio natural, com a utilização moderada e ordenada dos potenciais de produção, estabelecendo como uma premissa básica a sustentabilidade, em suas múltiplas possibilidades.

A metodologia aplicada para a realização do estudo, foi aquela que compreendemos adequada à realidade particular do estudo, procurando entender a perspectiva dos produtores na atividade e como se dá a produção, a comercialização e a interação com a realidade local.

Metodologia

A realização da pesquisa esteve condicionada ao entendimento da realidade que envolve a produção e a comercialização de alimentos orgânicos/agroecológicos no município de Canguçu. A opção metodológica foi por entrevistar todos os agricultores que produzem alimentos orgânicos/agroecológicos em Canguçu, e os dois produtores de Pelotas e um de Morro Redondo, que comercializam na feira da Arpa Sul, no município de Canguçu.

Com a aplicação das entrevistas compostas por perguntas abertas, que levaram em conta o universo da produção e a comercialização de alimentos, foi possível entender a realidade que norteia essa atividade. A análise dos dados coletados nas entrevistas e nas observações de campo obedeceu ao ângulo qualitativo da análise. Conforme pontuam Gerhardt e Silveira (2009, p. 32): “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Rudio (2007, p. 60), menciona que: “[...] a pesquisa científica não está interessada em estudar indivíduos isolados ou casos particulares. Seu objetivo é, antes, estabelecer generalizações, a partir de observações em grupos ou conjunto de indivíduos chamados de “população” ou “universo” [...]. Deslauriers e Kérisit (2008, p. 131), destacam que o objeto da pesquisa qualitativa é: “[...] a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa; de onde a importância da linguagem e das conceituações que devem dar conta do objeto vivido, como do objeto analisado”. Como salienta Sevilla Guzmán (2011, p.19-20) a compreensão do discurso de produtores agroecológicos, requer perícia:

En agroecología la obtención del discurso de los agricultores tiene lugar en un curso dinámico de naturaleza productiva y en el interior de procesos de interacción agronómica [...]. Así, partir de una crítica a la agricultura convencional constituye un elemento central para la agroecología. El discurso de los actores vinculados al manejo de los recursos naturales es desvelado por la agroecología a través de “técnicas cualitativas”, para mostrar la dimensión sociocultural de los procesos productivos; así como la necesidad de su incorporación, a través de “técnicas participativas”, para obtener un manejo ecológico de los recursos naturales.

As perguntas aplicadas aos produtores são abertas, onde o entrevistado pode exercer a liberdade de responder e expressar a sua compreensão sobre o que é a agricultura orgânica e agroecológica e suas perspectivas, enquanto participante de um processo de interação social que compreende um universo complexo e transcende a simples produção e comercialização de alimentos. Em relação à entrevista, Alves Mazzotti e Gewandszajder (1999, p. 168), destacam que:

Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade. A entrevista pode ser a principal técnica de coleta de dados [...]. As entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações e processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.

Marconi e Lakatos (1990, p. 91), salientam as perguntas abertas: “chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões”. Para tal, as questões versavam, sobre os seguintes pontos, a saber: a) Como se organiza a propriedade, produz apenas orgânicos ou também outros produtos; b) Quantas pessoas trabalham na propriedade, quem são; c) Há quantos anos plantas produtos orgânicos/agroecológicos, qual a produção anterior; d) Que tipo de produtos orgânicos/ agroecológicos cultiva; e) O resultado da produção de alimentos orgânicos/agroecológicos, em termos econômicos e a viabilidade da produção; f) Quais são as perspectivas da produção de alimentos orgânicos no município de Canguçu, participa de algum tipo de associação, qual; g) A produção orgânica/ agroecológica oriunda de tua propriedade é comercializada em que locais (feiras, mercados, direta ao consumidor...) e por fim h) Quais fatores poderiam contribuir para o avanço da produção de alimentos orgânicos/agroecológicos no município de Canguçu?. Assim, a pesquisa abrangeu todos os produtores de Canguçu e ainda aqueles que, embora tenham suas propriedades em outro município (Pelotas, Morro Redondo), realizam as vendas, neste caso, na feira da Arpa Sul.

A amostragem, portanto, procurou dar conta da realidade dos produtores e suas perspectivas, basicamente em busca de uma produção isenta de agroquímicos e condicionada realidade local. Evocam-se os princípios da sustentabilidade presentes na produção de concepção orgânica/agroecológica,

como mostra Gliessman (2002, p.12-13):

La palabra sostenibilidad tiene diferentes significados para diferentes personas; sin embargo, hay consenso en que tiene una base ecológica [...]. La agroecología provee el conocimiento y metodología necesarios para desarrollar una agricultura que sea, por un lado ambientalmente adecuado y por otro lado altamente productiva y económicamente viable. Esta establece condiciones para el desarrollo de nuevos paradigmas en agricultura, en parte porque prácticamente elimina la distinción entre la generación de conocimiento y su aplicación. También valoriza el conocimiento local empírico de los agricultores, el compartir este conocimiento y su aplicación al objetivo común de sostenibilidad.

A produção de vertente orgânica/agroecológica circunscreve-se no âmbito de uma agricultura, que produza alimentos, mas principalmente uma relação homem meio, que observe os princípios da sustentabilidade, e suas nuances.

A concepção de agroecologia

A produção de base agroecológica propõe a interação homem e meio, baseada nos pressupostos da sustentabilidade. Caporal e Costabeber (2001, p.35) salientam: “[...] Hecht (1989) mostra que, por um lado, e sob uma perspectiva mais superficial, a agroecologia geralmente incorpora ideias ambientais e de sentimento social a respeito da agricultura”. Como definem Sosa, Jaime, Lozano e Rosset (2013, p.26): “a agroecologia é a ciência que estuda e busca explicar os agroecossistemas. Para outros, a palavra agroecologia refere-se aos princípios e não receitas que guiam as práticas agrônômicas e que permitem produzir alimentos e fibras sem agrotóxicos”. A agroecologia é uma prática antiga, Hecht (1999, p. 15) compreende: “*el uso contemporáneo del término agroecología data de los años 70, pero la ciencia y la práctica de la agroecologia son tan antiguos como los orígenes de la agricultura*”. Entendemos a agroecologia como um ideal, sobre o qual repousa a retomada de uma agricultura que advogue um novo modo de produzir, que componha um conjunto de formas, que seja e esteja ligado diretamente aos tempos da natureza, e não sistematicamente, aos matizes de mercado.

Altieri (2004, p.28), com base em Brokenshaw, Warren e Werner (1979) ao focar pontualmente os sistemas agrícolas tradicionais, “mostra que estes surgiram no decorrer de séculos de evolução biológica e cultural. Eles representam as experiências acumuladas de agricultores, interagindo com o meio ambiente sem acesso a insumos externos, capital ou conhecimento científico”. A construção de um modelo de agricultura que produza alimentos de qualidade, isentos de agroquímicos é um processo. Aubert (1985, p.27), diz:

[...]. A agricultura moderna se desviou de seus objetivos originais. [...] A agricultura tinha o objetivo de fornecer ao homem o alimento e a vestimenta, e outros produtos de base, mas entrou na roda do sistema moderno, que tem o ideal de produzir o mais possível, com o menor gasto possível [...]. Ela é perfeitamente eficiente. O problema é que seus objetivos são ruins. [...] Ela é baseada numa concepção do século XIX. Acharam que o solo não tinha vida própria, e uma ação própria,

e que era simplesmente um suporte mecânico para as plantas.

Carmo (1998, p. 225) explica: “[...] a vida do solo, o equilíbrio dos ecossistemas, a diversificação e o uso da matéria orgânica são alguns elementos que devem ser repensados em uma nova agricultura [...]”. Ao analisarmos o objeto de estudo, percebemos, igualmente, que o município de Canguçu tem expressiva produção em cultivos agrícolas como fumo e soja, com aplicação de agroquímicos. Assim, falar em produção orgânica e agroecológica, e em agricultores que se dispõem a mudar a forma de produção, é algo importante. Muitos desses produtores estão realizando ou já realizaram a chamada transição agroecológica (caso dos produtores da Arpa Sul), de sorte que apresentam uma forma de produzir em que o respeito ao meio é um elemento primordial.

Schmitt (2013, p.173), por sua vez destaca: “A expressão transição agroecológica tem sido frequentemente usada como chave de leitura no estudo das interações que se estabelecem entre processos sociais e processos ecológicos na condução do desenvolvimento rural”. Guadarrama-Zugasti, Trujillo-Ortega, Ramírez-Miranda (2013, p. 106-107) trazem: “*Un fundamento básico de la agroecología, es el concepto de ecosistema*”. Por sua vez, Machado e Machado Filho (2014, p.37) salientam que a agroecologia: “[...] dispõe dos conhecimentos para superar a monocultura e a quebra da biodiversidade, consequências do agronegócio”. Saraiva (2009, p.213) diz que: “a produção agroecológica de alimentos é uma demanda urgente no planeta, evidenciada por indicadores sócio ambientais e econômicos”. Desta forma, os produtores buscam a retomada de uma agricultura praticada outrora, em que o impacto ambiental era menor e a interação homem /meio obedecia aos tempos da natureza. Procura-se, portanto, dar conta da realidade que envolve a produção e comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos no município de Canguçu.

A produção e a comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos no município de Canguçu: resultados da pesquisa

O Município de Canguçu apresenta características de domínio das unidades familiares de produção. Ao longo de sua formação e evolução, há uma intrínseca relação de dependência ao meio rural e seu desenvolvimento. Nos últimos 20 anos, o município tem se destacado fundamentalmente pela produção de fumo e soja. Entretanto, no contraponto às monoculturas, os agricultores nucleados na Unaic e Arpa Sul estão propondo uma forma de produção de alimentos baseada nos preceitos da sustentabilidade.

A realidade marcada pela produção e comercialização de alimentos orgânicos / agroecológicos em Canguçu é promissora, tendo considerável diversidade de produtores e expectativas quanto ao futuro da atividade. A figura 1, produzida utilizando o programa QGIS 2.14 e com base no Datum SIRGAS 2000, UTM 22 Zona Sul, mostra a distribuição das propriedades visitadas, produtoras de alimentos orgânicos/agroecológicos, bem como a localização das feiras públicas no município de Canguçu.



Fonte: Elaborado a partir dos dados empíricos

Figura 1- Localização das propriedades visitadas e das feiras de comercialização de alimentos orgânicos/agroecológicos.

Como demonstra a Figura 1, a produção de alimentos orgânicos e agroecológicos em Canguçu está localizada basicamente no Primeiro Distrito, ainda com produtores ao longo do 2º e 5º Distritos. Verifica-se a existência de produtores do município de Pelotas e um do município de Morro Redondo, que realizam suas vendas na feira da Arpa Sul. Os produtores mencionados têm suas propriedades próximas à área urbana de Canguçu, por isso, têm o deslocamento facilitado para venderem essa produção na feira supracitada.

A concentração de produtores de alimentos orgânicos/agroecológicos em Canguçu se dá, basicamente, no 1º Distrito, uma vez que é a área com o maior número de unidades familiares de produção. São, em sua maioria, agricultores que desistiram da produção de fumo ou pêssego e migraram para o cultivo de alimentos orgânicos / agroecológicos. As famílias que vendem sua produção em Canguçu, normalmente, realizam o revezamento para a comercialização na feira. As três famílias de assentados da reforma agrária presentes no 5º Distrito de Canguçu, por exemplo, utilizam essa modalidade para expor e vender sua produção. O quadro 1, por exemplo, demonstra a realização das feiras públicas e a agenda de vendas de alimentos orgânicos/agroecológicos. Enfatizam-se as feiras da Arpa Sul e Unaic, com suas frequências de realização, número de produtores e produção comercializada.

Quadro 1- Feiras de comercialização de alimentos orgânicos em Canguçu

Feira	Número de Produtores	Frequência	Produtos usualmente comercializados
Arpa Sul	10	Quintas pela manhã	Legumes, licores, sucos, temperos, embutidos, frutas, doces artesanais.
Unaic	11	Segundas à tarde	Ovos, frango, legumes, frutas, doces artesanais, leite, banha, toucinho.

Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

A feira da Arpa Sul acontece a sete anos, sendo a pioneira na comercialização de alimentos orgânicos / agroecológicos no município de Canguçu. Esta feira tem produtores em um estágio avançado na produção agroecológica. Já na feira da Unaic, são produtores de alimentos orgânicos que estão a caminho da transição agroecológica. Como destacado na fala de um dos produtores que vende na feira da Arpa Sul: “quando iniciamos aqui, muitos duvidavam que fosse dar certo, e hoje tenho orgulho, temos uma clientela fiel e que movimenta bastante as vendas”. Fala de produtor. As palavras de outro produtor, que trabalha há seis anos com leite orgânico, são reveladoras, como se percebe:

Eu lido com a ideia de uma produção que não use veneno, meus vizinhos, ainda continuam com esse modelo de colocar agrotóxicos, e queimar os montes de vegetação seca. Aqui, na produção de leite, eu uso o tempo da natureza. Veja que o esterco das próprias vacas serve de adubo, e toda a vegetação que retiro fica aqui mesmo, serve de composto orgânico. (Fala de produtor).

A Figura 2 destaca, parcialmente, a propriedade modelo, pioneira na produção de leite orgânico no município de Canguçu, com a utilização do sistema de pastagem voisin.



Fonte: Acervo dos autores, 2016

Figura 2 - Propriedade modelo na produção de leite orgânico

A utilização do sistema de pastagem rotativo, conhecido como Voisin², permite que essa propriedade de 9 hectares e o rebanho com o total de 10 vacas tenha uma produção diária em torno de 50 litros de leite. Como destaca o produtor: “aqui não entra um grama de veneno, eu uso a natureza a favor e não contra, como fazem a maioria dos meus vizinhos”. A produção de alimentos orgânicos / agroecológicos é a possibilidade do agricultor usar a natureza como aliada, ao aproveitar de maneira sustentável os recursos à disposição. Ehlers (1999, p.52-53), ao falar a respeito da agricultura orgânica, expõe:

A obra do pesquisador inglês Sir Albert Howard foi o principal ponto de partida para uma das mais difundidas vertentes alternativas, a agricultura orgânica. Entre os anos de 1925 e 1930, Howard dirigiu, em Indore, Índia, um instituto de pesquisas de plantas, onde realizou vários estudos, sobre compostagem e adubação orgânica. [...] em suas obras além de ressaltar a importância da utilização da matéria orgânica nos processos produtivos, Howard mostra que o solo não deve ser entendido apenas como um conjunto de substâncias, tendência proveniente da química analítica, pois nele ocorre uma série de processos vivos e dinâmicos, essenciais à saúde das plantas.

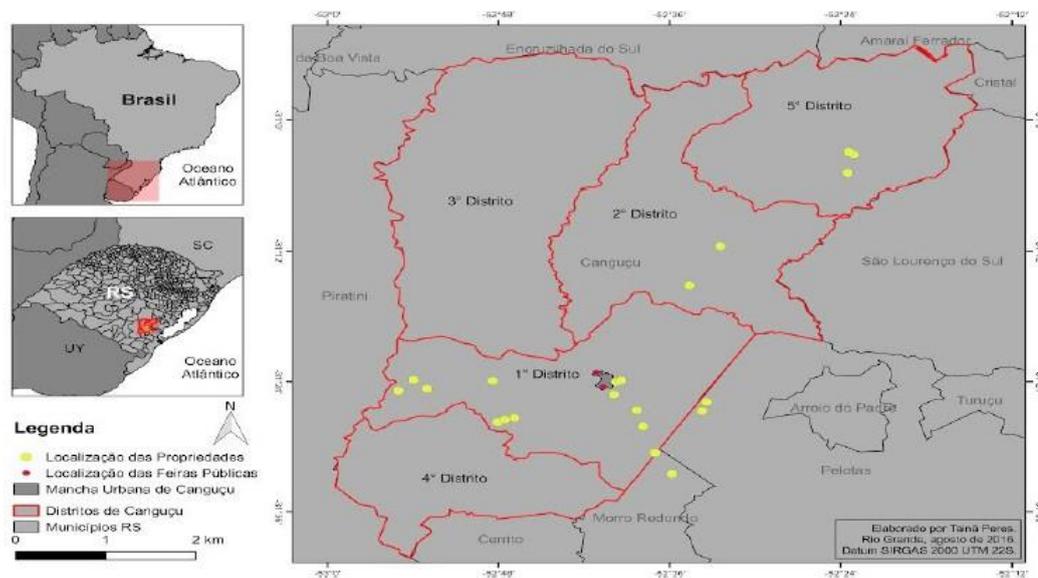
O acompanhamento das feiras e a realização das entrevistas com os produtores trazem, elementos que mostram a realidade da comercialização de alimentos. Mendes (2009, p.117) destaca:

No Brasil, as feiras livres, são as mais antigas formas de comércio e varejo. São caracterizadas como sendo espaços dinâmicos que encurtam a distância entre os produtores e os consumidores, facilitando o acesso aos alimentos, promovem o abastecimento urbano e geram renda.

Coelho (2008, p. 20), explicita: “A feira livre é muito comum na

²[...] O Pastoreio Racional Voisin (PRV), a partir do respeito às leis da natureza, atende às exigências e às necessidades da planta forrageira, do solo e do animal, de maneira que estes não venham a se contrapor. O manejo racional das pastagens é um dos fatores de maior relevância para a produção animal sustentável: é necessário que seja o mais eficaz, para a proteção da pastagem e, ao mesmo tempo, resulte em bom desempenho animal (VOISIN, 1974), tanto individual como por área. (LENZI, 2012, p. 83).

maioria dos municípios brasileiros, sendo um espaço público onde circulam pessoas, alimentos, bens e tradições culturais da terra”. A Figura 3 foca a feira da Arpa Sul, que ocorre em espaço público, em frente à Prefeitura Municipal de Canguçu.



Fonte: Acervo dos autores, 2016.

Figura 3- Feira da Arpa Sul.

Essa feira é realizada todas as quintas-feiras pela manhã, com a venda de produtos orgânicos/agroecológicos, por produtores que já realizaram ou encontram-se em estágio avançado do processo de transição agroecológica. As famílias adotam o modelo de rodízio para comercializarem a produção, como é o caso dos agricultores do Remanso e Santa Clara, localidades do 1º Distrito do município de Canguçu. Os produtores dos municípios de Pelotas e Morro Redondo também adotam o rodízio para poderem comercializar a produção, uma vez que participam de outras feiras ao longo da semana, estas na cidade de Pelotas e eventualmente em São Lourenço do Sul. O sentido de comunhão fica expresso na fala de uma produtora, como se observa: “enquanto estou aqui, os outros estão em casa cuidando da produção. Na semana que vem, estará outro aqui, e ainda tem a feira em Pelotas, é necessário dividir as tarefas, se não fica impossível atender tudo” (fala de produtora).

A outra feira, neste caso a da Unaic, recentemente completou dois anos, sendo que, em sua maioria, são produtores que estão realizando o processo de transição agroecológica. Alguns eram produtores de tabaco, pêssego e morango, com aplicação de agroquímicos, e decidiram mudar a maneira de produzir. No caso dos produtores da Unaic, embora parte considerável das vendas seja realizada na feira, existe também a comercialização direta a consumidores, bem como, o fornecimento à alimentação na merenda escolar, através do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA³).

Neste quesito, destaca-se o apoio aos agricultores, em especial das entidades públicas de pesquisa e extensão rural, como é o caso da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio Grande do Sul (EMATER/RS). Como evidencia a fala de um produtor, o apoio da EMATER e da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) são imprescindíveis. Segue a fala: “se hoje

³O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foi criado em 2003 pela Lei Federal n.10.696 de julho de 2003, a partir de uma articulação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) com o governo federal brasileiro, no âmbito das discussões pertinentes ao Programa Fome Zero. [...] suas principais linhas de atuação estão situadas em dois pilares: fortalecer a agricultura familiar, oferecendo oportunidade de acesso ao mercado, e garantir alimentos a regiões com riscos de insegurança alimentar (ABREU, 2012). Becker e Anjos (2010) resumiram as ações do PAA ao afirmarem que ele tem suas bases na tríade produção-comercialização-consumo. (SIMÃO, SILVA e SILVEIRA 2014, p.537).

estamos na feira, é graças a EMATER e à Secretaria de Desenvolvimento Rural. Imagina que sozinho, sem assistência, quem vai conseguir produzir com qualidade?”. Complementa o produtor: “eu plantei muito fumo, mas sabes que fui me apavorando com a quantidade de veneno, e sem falar nas exigências das empresas. Com os alimentos orgânicos, ganho um bom dinheiro e não preciso de agrotóxicos, adubos, nada de veneno”.

Por se tratar de uma associação, o espaço físico é compartilhado através de uma parceria público-privada, entre a Prefeitura Municipal de Canguçu e a Unaic, sendo que 11 produtores comercializam a produção. Nos períodos em que há necessidade de diferentes cursos de formação voltados aos produtores, o espaço fica à disposição de entidades como a EMATER, o Sindicato Rural e a Secretaria de Desenvolvimento Rural, entre outras.

Como menciona uma produtora, acerca da importância da feira:

A feira tem sido uma oportunidade única, nós investimos em diversidade de frutas, mais de 30 variedades e vendemos muito bem. O que não se comercializa aqui se entrega para a merenda escolar. Estamos desistindo do fumo e ingressaremos de vez na produção de frutas. Aquelas frutas bonitas dos supermercados, quase sempre é agrotóxico puro. No nosso caso, a fruta que se vende aqui, são as mesmas que comemos em casa. (Produtora de frutas).

A partir dos distintos cursos de formação e da consciência dos produtores, tem-se uma ‘nova’ visão no meio rural, onde há a resistência do agricultor à aplicação de agrotóxicos. Entre todos os entrevistados, sejam aqueles que já realizaram a transição para a produção agroecológica ou aqueles que ainda estão em fase de transição, há uma concepção de que a agricultura não pode continuar como está. Ainda, destacando a palavra dos produtores, é importante observar o que ele menciona: “essa goiaba, que to vendendo aqui na feira, eu estava comendo umas quando vinha para cá, e estão muito boas. Nós estabelecemos uma relação de confiança com as pessoas que compram, elas só compram aqui porque acreditam em nós”. Uma produtora da feira da Arpa Sul, por sua vez, traz algo relevante: “os meus pais, sempre plantaram sem usar fertilizante químico, e nós seguimos isso a risca. A produção dessa forma, é a garantia de um alimento de qualidade, em que as pessoas possam confiar.”

Theodoro, Duarte e Rocha (2009, p.20), ao referenciar em Leff (2002, p.37), mostram que a dimensão da agroecologia transcende a concepção de uma simples ciência:

A agroecologia é terra, instrumento e alma da produção, onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra, é o caldeirão, onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo.

A produção de alimentos sem agrotóxicos tem sido uma realidade no município de Canguçu, de sorte que está ocorrendo significativo aumento no número de produtores de alimentos orgânicos / agroecológicos. Evidencia-se ainda, a consolidação de um mercado local a essa produção, com a afluência

de consumidores que são fidelizados pela qualidade e variedade de produtos oferecidos. Outro espaço importante está relacionado, ao fornecimento de alimentos para a merenda escolar na rede municipal de ensino do município de Canguçu. Isso tem permitido que os produtores aumentem a área, e em especial, tenham um mercado garantido à produção e contribuam para aprimorar a qualidade da alimentação fornecida aos estudantes. Mas é evidente que ainda é uma atividade com muitos percalços e entraves, basicamente pelo desconhecimento da população de modo geral, sobre a importância de consumir alimentos saudáveis.

Considerações finais

Agricultura orgânica/agroecológica no município de Canguçu ganha força na última década, fato constatado a partir da realização das entrevistas com os produtores e nas visitas feitas às propriedades rurais do município e nas feiras de comercialização. Os órgãos públicos como a EMATER/RS cumprem um papel central na instrumentalização destes produtores, juntamente com a Prefeitura Municipal, via Secretaria de Desenvolvimento Rural, no sentido de incentivar a transição de uma agricultura convencional para uma produção agroecológica. Estes agricultores, em muitos casos, eram produtores de pêssego, morango ou fumo, cuja produção é baseada na utilização de agrotóxicos. Por diversas razões, migraram para a produção de alimentos orgânicos ou agroecológicos. Cabe destacar o despertar para uma consciência de produzir alimentos saudáveis, a desvalorização do preço do fumo pago pelas indústrias fumageiras e, ainda, a queda significativa na sucessão familiar, incidindo diretamente na redução da força de trabalho para desempenhar as atividades agrícolas.

As feiras da Arpa Sul e da Unaic, de acordo com os produtores têm apresentado bons resultados no que tange a comercialização da produção. Além disso, existe o Programa de Aquisição de Alimentos para a Merenda Escolar, que permite a venda dos produtos orgânicos, dinamizando a atividade nas unidades familiares. É notória, no município, a viabilidade econômica da produção de alimentos orgânicos /agroecológicos, o que por sua vez incentiva os agricultores a continuarem produzindo, nesses patamares.

Vislumbra-se que a produção de alimentos orgânicos/agroecológicos têm possibilidades de expansão, principalmente, se estes produtores contarem com o apoio do poder público e com a possibilidade de comercializar a produção nas feiras presentes no município. Ainda resta um grande caminho pela frente, como enfatizam os produtores, todavia inicia-se o processo de implantação de uma nova concepção no campo, onde a agricultura e natureza não são excludentes.

Referências bibliográficas.

ALTIERI, M. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ALVES MAZZOTI, A.J; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999

ASSIS, R.L; ROMEIRO, A.R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. *Revista do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento*, n. 6, p. 67-80, jul./dez. 2002. Editora UFPR. Disponível em:

<<http://revistas.ufpr.br/made/article/view/22129>> Acesso em: 07 de outubro de 2016.

AUBERT, C. Agricultura orgânica. In: Agricultura Alternativa: Homem natureza namorando a terra. *Anais do II Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa*. 1985. (21-45).

CAMPANHOLA, C; VALARINI, P.J. Agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno produtor. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v.18, n.3, p.69-101, set./dez. 2001. Disponível em: <<http://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/09/8851-29343-1-PB.pdf>>. Acesso em: 06 de Outubro de 2016.

CAPORAL, F.R; COSTABEBER, J.A. A agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In: ETGES, V.E. *Desenvolvimento rural: potencialidades em questão*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. (19-52).

CARMO, M.S. A produção familiar como lócus ideal da agricultura sustentável. In: FERREIRA, A.D. D; BRANDENBURG, A. *Para pensar outra agricultura*. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. (215-238).

CICCONETO, J; VERDUM, R. Agricultura familiar ecológica em Canguçu: trajetórias e perspectivas. *REDES - Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul*, v. 17, n. 3, p. 99 - 121 set/dez 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/2059>>. Acesso em 07 de outubro de 2016.

COÊLHO, J.D. *Feiras livres de Cascavel e de Ocara: caracterização análise da renda e das formas de governança dos feirantes*, (2008). Dissertação de Mestrado em Economia Rural. Universidade Federal do Ceara, Fortaleza. (152 fls).

DESLAURIERS, J.P; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. (127-153).

EHLERS, E. *Agricultura sustentável: Origens e perspectivas de um novo paradigma*. Guaíba: Livraria e Editora Agropecuária LTDA, 1999.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D.T. *Métodos de Pesquisa*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Aberta do Brasil (UAB). Curso de Graduação Tecnológica. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2017. (1-120).

GLIESSMAN, S.R. *Agroecología: procesos ecológicos en agricultura sostenible*. Turrialba: Litocat, 2002.

GUADARRAMA-ZUGASTI, C; TRUJILLO-ORTEGA, L; RAMÍREZ-MIRANDA, C. Agroecología y desarrollo rural en Mexico: Bases agroecológicas, sistemas sostenibles y soberania alimentaria. In: BALESTRO, M.V; SAUER, S. *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. (99-136).

HECHT, S.B. La evolución del pensamiento agroecológico. In: ALTIERI, M.A.

Agroecologia: Bases científicas para una agricultura sustentable. Montevideo: Editorial Nordam- Comunidad, 1999. (15-30).

LENZI, A. Fundamentos do pastoreio racional Voisin. *Revista Brasileira de Agroecologia*. V.7, n.1 (2002). Disponível em: <http://orgprints.org/22958/1/Lenzi_Fundamentos.pdf> Acesso em: 27 de Agosto de 2016. (83-94).

MACHADO, L.C.P; MACHADO FILHO, L.C.P. *A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. *Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas; amostragem e técnicas de pesquisa; Elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1990.

MENDES, R.J. Feira livre e segurança alimentar: um estudo de caso de Santa Maria de Itabira. In: Theodoro, S.F; DUARTE, L.G; VIANA, J.N. *Agroecologia: um novo caminho para a extensão rural sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. (117-133).

RUDIO, F.V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 2007

SARAIVA, F.E.B. Produção orgânica de alimentos: diagnóstico e perspectivas do arranjo produtivo no município de Pedro Leopoldo (MG). In: Theodoro, S.F; DUARTE, L.G; SCHMITT, C.J. *Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira*. In: BALESTRO, M.V; SAUER, S. *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. (p. 173-198).

SEVILLA GUZMÁN, E. *Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario*. La Paz: Plural editores, 2011.

SIMÃO, G.L; SILVA, E.A; SILVEIRA, S.F.R. Grau de Cobertura do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) Junto aos Agricultores Familiares do Estado de Minas Gerais. *Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba-SP*, Vol. 52, Nº 03, p. 533-548, Jul/Set 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v52n3/a07v52n3.pdf>>. Acesso em: 21 de Setembro de 2016.

SOSA, B.M; JAIME, A.M.R; LOZANO, D.R.A; ROSSET, P.M. *Revolução agroecológica: o movimento camponês a camponês da ANAP em Cuba*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

THEODORO, S.H; DUARTE, L.G; ROCHA, E.L. Incorporação dos princípios agroecológicos pela extensão rural brasileira: um caminho possível para alcançar o desenvolvimento sustentável. In: Theodoro, S.F; DUARTE, L.G; VIANA, J.N. *Agroecologia: um novo caminho para a extensão rural sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. (19-35).

ERRATA

- Na *Capa* da revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017:

Onde se lia:

“Julho - Dezembro de 2017 vol. 15 - nº 2 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- Na *Ficha catalográfica* da revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017:

Onde se lia:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 14 nº 2 (Jul-Dez) 2017 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2017”

Leia-se:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 13 nº 2 (Jul-Dez) 2017 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2017”

- No documento *Notas do Editor*, de autoria de Carlos Henrique Jardim, publicado na revista Geografias v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *A contribuição da técnica dos quantis na identificação de extremos de chuva e de uma metodologia para detectar situações de desastre natural no semiárido cearense*, de autoria de Jander Barbosa Monteiro, Maria Elisa Zanella, Daniel Rodriguez de Carvalho Pinheiro, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *Democracia Deliberativa e Conselhos Gestores de Unidades de Conservação: desafios à construção de processos de governança democrática territorial*, de autoria de Altair Sancho Pivoto dos Santos, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *Aplicabilidade da ferramenta Kobotollbox para validação de mapeamento de classificação de cobertura e uso da terra*, de autoria de Patrícia Tinoco Santos, Márcio Rodrigues Silva, Alécio Perini Martins, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *Sertão à vista: os planos e os trilhos cearenses no Segundo Reinado*, de autoria de Igor Carlos Feitosa Alencar, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *Abordagens teóricas de métodos regionais na perspectiva da dialética a totalidade socioespacial e a lei da interpenetração dos contrários*, de autoria de Raquel Augusta Melilo Carrieri, Valéria Roque, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *Licenciamento ambiental de atividades minerárias em Minas Gerais estruturação e processos decisórios na Câmara de Atividades Minerárias*, de autoria de Giovanna Soares Ramanery, Antônio Pereira Magalhães Júnior, Guilherme Eduardo Macedo Cota, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No artigo *Possibilidade de mapeamento das atividades comerciais e de serviços a partir do uso do CNEFE/CNAE Ituiutaba - MG*, de autoria de Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 Dezembro de 2017. Vol.15, nº2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”

- No documento *Teses e Dissertações defendidas no Programa de Pós - Graduação em Geografia*, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho - 31 de Dezembro de 2017. Vol.15, nº 2, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017”